

EX TROPICIS



INFORMAÇÕES AMBIENTAIS

Spot News

Semana de 13 a 19 de fevereiro de 1992

AMAZÔNIA I

Seminário discute Meio Ambiente, Pobreza e Desenvolvimento da Amazônia

A criação de um fundo para preservação do meio ambiente na Amazônia, administrado pelos países do Tratado de Cooperação Amazônica, e a recuperação da área de 400 mil quilômetros quadrados já desmatada na floresta, são algumas das recomendações incluídas no documento final do Seminário Internacional sobre Meio Ambiente, Pobreza e Desenvolvimento, o Sindamazônia. As conclusões do Seminário serão enviadas à reunião preparatória para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92, a ser realizada em Nova York, na segunda quinzena de março. Durante quatro dias, cerca de 2.500 pessoas de 17 países, discutiram as ainda informações científicas e as soluções para os problemas ecológicos, econômicos e sociais da Região Amazônica. Para o governador do Pará, Jáder Barbalho, o evento significou um "não" ao colonialismo, sobretudo ao que ele chama de "colonialismo ambiental". Ele lembrou aos países ricos que a Amazônia quer parceria tanto nos discursos como nos recursos.

Reserva extrativista

O pesquisador Alfredo Oyama Homma, do Centro de Pesquisa Agroflorestral da Amazônia Oriental, afirmou que há uma expectativa "irrealista" quanto à importância do extrativismo vegetal na Amazônia, o que levou a uma situação de intervencionismo ambiental na região. "É preciso alimentar 16 milhões de pessoas que vivem na região, enquanto apenas cerca de cem mil famílias dependem hoje do extrativismo", disse Homma. O pesquisador Mary Allegretti, do Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), criticou a posição de Homma dizendo que o extrativismo é uma opção importante para a Amazônia e que só os fazendeiros que promovem o desmatamento se opõem a criação das reservas extrativistas.

Mercúrio

O professor Francisco da Fonseca Ramos, da Universidade Federal do Pará (UFPA), revelou que 900 toneladas de mercúrio foram descarregadas pelos garimpeiros na Região Amazônica entre os anos de 1980 e 1989 e deste total, cerca de 470 a 710 toneladas atingiram a atmosfera em forma de vapor. O pesquisador da UFPA, Geraldo Guimarães,



mostrou estudos que comprovam a contaminação pelo metal de 100% das amostras de peixes colhidas na região do Rio Cuiu-Cuiu, no Pará.

AMAZÔNIA II

Biodiversidade

O Sindamazonia discutiu também a criação do Centro de Populações Tradicionais, órgão que será responsável pela divulgação das técnicas utilizadas pelos índios caiapós na cura através das plantas. Segundo o pesquisador norte-americano Darrell Posey, que há 15 anos integra um grupo de 20 estudiosos do Museu Emílio Goeldi, tentando "aprender" o manejo das florestas usada pelos caiapós, os índios utilizam mais de 600 espécies de plantas como remédios. O grupo inglês "Bodyshop", especializado na produção de cosméticos naturais, está comprando óleos de castanha do Pará para fabricar condicionadores de cabelos e essências naturais. "Nós conhecemos apenas 2% das plantas da Amazônia, enquanto os índios há anos utilizam várias espécies para remédios e outros fins", garantiu Posey. Ele revelou que há um grande interesse dos ingleses sobre os corantes naturais que os índios utilizam, e que a venda destes produtos poderia ser dez vezes mais lucrativa do que o comércio de madeira ou a derrubada das matas para criação de gado na floresta.

Trabalho escravo

O padre Ricardo Rezende da diocese de Rio Maria, no sul do Pará, que recentemente falou na ONU sobre os conflitos de terras, defendeu a desapropriação das fazendas onde há trabalho escravo. Segundo ele, um levantamento feito pela Igreja indicou que pelo menos oito mil trabalhadores de 53 imóveis rurais de todo o País trabalham em regime de escravidão. Rezende, que tem sofrido constantes ameaças de morte, denunciou que 181 trabalhadores rurais foram assassinados nos últimos 11 anos, sem que houvesse a punição dos mandantes dos crimes.

Desmatamentos

A necessidade de recuperar os 400 mil quilômetros quadrados de áreas já desmatadas na Amazônia foi uma das principais conclusões do Sindamazonia. O pesquisador norte-americano Philip Fearnside, do Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa) disse que só a criação de pesados impostos como a punição pela especulação de terras poderá conter

os desmatamentos. Para recuperar a área, referente ao tamanho da Espanha, seriam necessários US\$ 30 bilhões e um programa de pelo menos 40 anos, segundo informou o engenheiro agrônomo Enéas Salatti, diretor do Inpa. "Nossa contribuição para a emissão de gás carbônico é de 1,45 bilhão de toneladas/ano, para um total mundial de 6,5 bilhões", disse ele. Na sua opinião poderia haver uma troca com os países ricos na qual a preservação da floresta estaria condicionada ao financiamento para alcançar o desenvolvimento sustentável na Região Amazônica.

PROTEÇÃO AMBIENTAL

Países em desenvolvimento precisam de US\$ 125 milhões anuais para programas de proteção ambiental

Os países em desenvolvimento precisarão de US\$ 125 milhões anuais para levar adiante programas de proteção ambiental. A estimativa foi feita esta semana pelo secretário-geral da Rio 92, Maurice Strong, em Cartagena, na Colômbia. Segundo o secretário, a quantia significa um investimento na segurança do planeta e em seu futuro econômico. Strong disse não esperar que os governos participantes da Conferência no Rio concordem em repassar essa quantia. "Mas esperamos que repassem quantias significativas, que nos levem a poder suprir as necessidades."

Strong lembrou que a preocupação com a ecologia aumentou de forma notável nos últimos anos, mas os recursos mais valiosos, como a floresta tropical, estão em países do Terceiro Mundo. Esse fato, segundo o secretário, estabelece um conflito entre a questão ambiente e desenvolvimento. Para secretário-geral a Rio 92, se os países continuarem adotando a mesma política ambiental, os resultados serão o aumento da pobreza, fome, doenças, analfabetismo e deterioração dos sistemas econômicos.

Divulgado plano para conservação da Mata Atlântica

A Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem, com sede em Curitiba, divulgou na terça-feira, dia 18, o Plano Integrado de Conservação para a Região de Guaraqueçaba, a maior área preservada de Mata Atlântica no planeta com 313 mil hectares. O documento com as propostas do Plano Integrado objetiva implantar uma estratégia viável para a conservação da região e buscar melhores condições de vida para a população local. Clóvis Ricardo Schrappe Borges, presidente da Sociedade de Pesquisa, disse que a idéia é promover atividades de apoio às cerca de nove mil pessoas que vivem na região, como

levantamento da questão fundiária, diagnóstico da saúde, melhoria das condições de ensino, implantação de um sistema de transporte mais eficaz, saneamento básico e energia elétrica. Segundo o documento, a pesca artesanal, a extração de palmito e a agricultura de subsistência são boas alternativas para a população, desde que orientadas para a conservação natural. Clóvis Ricardo viaja na sexta-feira, dia 21, para os Estados Unidos onde entrará em contato com entidades internacionais interessadas em ajudar na efetivação do plano. Para elaborar o documento, a Sociedade de Pesquisa Selvagem contou com o apoio da "The Nature Conservancy" que financiou os US\$ 96 mil gastos com o levantamento.

RIO 92

Aldeia "Kari-Oca" começa a ser construída para a Rio 92

Chegou ao Rio na terça-feira, dia 18, um carregamento de toras e cipós da região do Xingu, no Mato Grosso, que serão utilizados na construção da aldeia "Kari-Oca". A aldeia será a sede utilizada pelos povos indígenas para a realização da Conferência dos Povos Indígenas sobre Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento e o Parlamento da Terra, durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92.

O índio carajá Idjarruri disse são esperadas a presença de cerca de 400 índios brasileiros e 300 de diversos países como Estados Unidos, Canadá e África, entre outros. A aldeia será construída por 60 índios do Alto Xingu, que já estão no Rio e terá uma casa em estilo xavante, duas ocas xingus e um parlamento indígena, denominado "Casa dos Homens". O Grupo de Trabalho Nacional (GTN), que organiza a Rio 92, não cumpriu a promessa de construir no local um alojamento para abrigar o grupo de índios. A construção da "Kari-Oca" vai começar após o ritual de benção do local por um pajé. A aldeia vai ocupar uma área de quatro mil metros quadrados num local próximo ao Riocentro, edifício sede da Rio 92.

Estados Unidos se recusam a reduzir emissão de gases que causam efeito estufa

No primeiro dia negociações para a última reunião preparatória para a Rio 92, que está sendo realizada em Nova York, os Estados Unidos permanecem irredutíveis na posição de único país desenvolvido a não concordar em reduzir as emissões do gás carbônico, o CO₂,



um dos causadores do efeito estufa. O diretor do conselho de qualidade ambiental da Casa Branca, Michael R. Deland declarou que o país não vai mudar sua posição durante os dez dias de negociação. A ONU, que supervisiona a negociação entre 130 países participantes da conferência, espera convencer os Estados Unidos a reduzir a emissão de gases.

Os Estados Unidos pretendem que o problema da redução de emissão do CO₂ fique a cargo de cada país. A administração Bush teme que a redução que implica em elevados custos para implantação de novas tecnologias - agrave a crise econômica norte-americana. Em vez de controlar a redução do CO₂, o país concorda em reduzir a emissão de outros gases, de menor responsabilidade sobre o efeito estufa. Ninguém espera que os Estados Unidos cheguem tão longe quanto o Japão e a Comunidade Econômica Européia - que já se comprometeram a chegar no ano 2.000 emitindo a mesma quantidade de CO₂ emitida em 1990.

POLÊMICA

Economista do Bird se retrata

O vice-presidente e economista-chefe do Banco Mundial, o Bird, Lawrence Summers, escreveu uma carta ao secretário nacional do Meio Ambiente, José Lutzenberger, para se desassociar de um memorando interno que circulou no Bird, em dezembro, no qual ele apresentou argumentos sobre a "lógica econômica" que justificaria a exportação de indústrias poluentes para os países em desenvolvimento. "Quero ser muito claro: o memorando não representa minha opinião, a opinião do Banco ou de qualquer pessoa sã", afirmou Summers. Na carta, Summers escreve: "O histórico do Banco nesse tópico e as posições fortes da instituição em vários outros temas ambientais de hoje deveriam dar-lhe grande confiança de que esse argumento ridículo e absurdo não reflete de nenhuma maneira o mundo real das políticas e programas do Banco". Lutzenberger denunciara o memorando numa violenta carta de dois parágrafos a Summers, no início do mês. O secretário do Meio Ambiente classificou o argumento exposto pelo economista-chefe do Bird como "perfeitamente lógico, mas totalmente insano".

Insistindo em explicações que deu anteriormente, Summers disse a Lutzenberger que o argumento, foi feito numa discussão interna apenas para tornar mais precisa a análise de um relatório sobre o crescimento da economia mundial. O funcionário do Banco Mundial encerrou sua carta dizendo que o episódio "foi um período muito penoso" para ele. "Lamento profundamente o que aconteceu e compreendo as preocupações que o senhor e outros expressaram", escreveu Summers.



Ecologista defende monitoramento internacional da Amazônia

Diplomatas e ecologistas brasileiros ficarão em campos opostos durante o 4º Prepcon, o último encontro preparatório para Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92, que acontece no final de março, em Nova York. O coordenador brasileiro do Forum Internacional das Organizações Não-Governamentais, Liszt Vieira, disse que 18 representantes das entidades do Brasil no 4º Prepcon não aceitarão que o governo Collor se posicione contra o monitoramento internacional da floresta Amazônica e o condicionamento de financiamentos externos à defesa ambiental.

"O governo brasileiro levanta o argumento da soberania nacional somente quando é do seu interesse", declara Liszt Vieira, um ex-deputado do Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido Verde (PV), que agora defende posições combatidas por nacionalistas e até por alguns setores da esquerda brasileira. Para Liszt, o nacionalismo "foi uma bandeira progressista dos anos 50, mas que hoje tornou-se conservadora e hipócrita".